

A historicidade e a programação radiofônica: reflexões sobre a comunicação comunitária na RádioCom 104.5 FM¹

Maria Ivete Trevisan Fossá²
Kalliandra Quevedo Conrad³

Resumo:

Reflete-se sobre como podemos definir/lançar um olhar sobre a comunicação comunitária no âmbito das rádios comunitárias. Toma-se a experiência da RádioCom FM, da cidade de Pelotas – RS, Brasil, cujo conjunto de práticas radiofônicas é considerado um caso exemplar de comunicação comunitária. Na primeira parte, com Peruzzo (1998; 2008) e Downing (2002) são realizados apontamentos sobre comunicação comunitária. Em um segundo momento, utilizando-se de pesquisa bibliográfica, observação simples e entrevistas semiestruturadas, destacam-se as marcas conceituais da comunicação comunitária presentes na rádio comunitária gaúcha em questão.

Palavras-chave: Comunicação Comunitária; Rádios Comunitárias; RádioCom FM; Cidadania.

Abstract:

It reflects upon how we can set / launch a look at community communication in the scope of community radio. It takes up the experience of RádioCom FM, of the city of Pelotas - RS, Brazil, whose group of radiophonics practices is considered an exemplary case of community communication. In the first part, with Peruzzo (1998; 2008) and Downing (2002) notes about community communication are performed. In a second step, utilizing the bibliographic search, simple observations and semi-structured interviews are used, the conceptual trademarks of community communication present in gaucho community radio in question stand out.

Keywords: Community Communication; Community Radio; FM RADIOCOM; Citizenship.

Recebido em: 04/05/2014

Aceito em: 20/11/2014

1 Trabalho apresentado no XII Congresso da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAI), em Lima, no Peru, nos dias 6, 7 e 8 de agosto de 2014, no GT Ética, Liberdade de Expressão e Direito à Comunicação.

2 Professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFSM e do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFSM. Doutora em Administração pela UFRGS e Mestre em Comunicação pela UMESP.

3 Mestre em Comunicação Midiática no PPGCOM/UFSM e graduada em Comunicação Social – Relações Públicas (UFSM).

Considerações iniciais

Há uma tentativa de compreender a comunicação comunitária em uma perspectiva relacional que se dá, em certa medida, pelo modo como os sujeitos atuam junto às mídias comunitárias, cujos objetivos, no plano ideal, deveriam estar direcionados para uma série de princípios, como a cidadania, a participação conjunta dos envolvidos, a ação coletiva para o desenvolvimento cooperativo do seu entorno social. Como se sabe, em muitos casos, as rádios comunitárias passam por um processo de privatização na produção de seus conteúdos que são comercializados e arrendados, deixando de atender às demandas locais de interesse público⁴.

A comunicação comunitária pode ser pensada como um processo amplo, que envolve contextos diferenciados de cada sujeito, perpassado pela conscientização crítica da sociedade e que visa sua transformação. É o que buscamos demonstrar com a experiência de comunicação comunitária da RádioCom 104.5 FM, da cidade de Pelotas-RS, Brasil.

A problemática parte da indagação de como podemos definir/lançar um olhar sobre a comunicação comunitária no âmbito das rádios comunitárias, a partir de sua historicidade e programação radiofônica. Propõe-se, como objetivos deste trabalho, trazer apontamentos sobre comunicação comunitária, a fim de tecer alguns aspectos sobre esse conceito sem torná-lo autossuficiente ou generalizante; apresentar a unidade de análise sob as perspectivas de sua historicidade e programação radiofônica; e realizar um cruzamento entre o conceito de comunicação comunitária e a experiência dessa rádio para buscar aproximações entre o plano teórico e empírico da comunicação comunitária.

Quanto à metodologia, o trabalho utiliza-se de pesquisa bibliográfica e do estudo de caso (YIN, 2001), cujas fontes de evidência são a observação simples e as entrevistas semiestruturadas com sujeitos participantes de uma rádio comunitária gaúcha. Com isso, a estrutura deste trabalho divide-se em uma um nível teórico, em que é elucidado o conceito de comunicação comunitária com base em Peruzzo (1998; 2008) e Downing (2002); e em um nível analítico, em que se apresenta a história e a programação da RádioCom FM e seus enlaces com a comunicação comunitária.

O conceito de comunicação comunitária

Sem desconsiderar as definições atribuídas à comunicação popular ou à comunicação alternativa, opta-se pelo aprofundamento do conceito de comunicação comunitária por aproximar-se dos princípios que regem a regulamentação das

⁴ Entende-se, no contexto da unidade de análise – a RádioCom FM – que o interesse público envolve temáticas como educação, saúde, transporte, cultura, direitos humanos, entre outros que tornam-se referência e ponto de convergência para o desenvolvimento de ações por meio de uma rádio comunitária, cuja estrutura se dá pela transformação destas em informação e comunicação.

rádios comunitárias, na lei 9.612. Inicialmente, a comunicação comunitária a que nos referimos

se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter – preferencialmente – propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de desenvolver a educação, a cultura e ampliar a cidadania. Engloba os meios tecnológicos e outras modalidades de canais de expressão sob controle de associações comunitárias, movimentos e organizações sociais sem fins lucrativos (PERUZZO, 2008, p. 375).

Entende-se que a comunicação comunitária pode incluir as práticas comunicacionais populares e/ou alternativas, adquirindo um caráter que, para as mídias comunitárias, envolve, em sua essência, o escopo pela democratização da comunicação. Para a realização da comunicação comunitária não basta, segundo Peruzzo (2008, p. 377), o vínculo de proximidade entre os sujeitos a fim de produzir uma comunicação local que partilhe de uma identidade comum. Uma comunicação comunitária precisa criar mecanismos para romper com os padrões mercadológicos da grande mídia; caso contrário, cria-se um modelo de mídia não comunitário.

Procurando reproduzir a programação das emissoras comerciais, apresentando uma composição comunitária artificial, reunindo associações comunitárias forjadas em sua maioria pela ação de cabos eleitorais, essas emissoras chamadas indevidamente de ‘comunitárias’ apropriam-se do espaço comunitário, privatizando a dimensão pública do que seria um espaço coletivo de articulação, de organização e de conscientização políticas das comunidades que não dispõem de instrumentos de comunicação próprios (NUNES, 2004, p. 68 – grifos da autora).

Essa concepção de comunicação comunitária dialoga com o conceito de mídia radical de John Downing (2002). Segundo o autor, a mídia radical alternativa é parte estruturante de uma comunicação democrática e suas funções fazem dela uma mídia que atua como agente do poder de desenvolvimento dos sujeitos. As funcionalidades da mídia radical são segundo Downing (2002, p. 81): a) permitir a ampliação, a reflexão e o compartilhamento de informações para além da mídia tradicional; b) permitir a pluralidade participativa dos segmentos minoritários da população dando margem para a expressão de temas e ideias que, de maneira geral, não entram em pauta na mídia tradicional; c) abrir espaço para autogerir-se de forma horizontalizada, coletiva e plural visando a atender, em primeiro lugar, as demandas de interesse público e d) contribuir com a informação dos cidadãos, interferindo no desenvolvimento cultural.

Na articulação dessas atribuições, enfatiza-se não somente o impacto da mídia radical alternativa na sociedade. Mas, sobretudo, o impacto causado no cotidiano, nas formas de reconhecimento de si e do Outro, nas relações sociais e na descoberta do potencial emancipatório e comunicacional que os sujeitos podem adquirir quando envolvidos nas e com as mídias radicais alternativas.

[...] apesar de imperfeita, imensamente variada e não necessariamente de oposição, muito dessa mídia [radical e alternativa] contribui de fato, em diferentes graus, para essa missão [como estrutura de comunicação democrática], de forma mais verdadeira que a mídia estabelecida e de maneiras muitas vezes surpreendentes, levando-se em conta sua excepcional escassez de recursos (DOWNING, 2002, p. 79).

Para complementar o entendimento sobre a comunicação comunitária, buscase o apoio de Peruzzo (1998) ao sugerir níveis de participação baseados nas experiências latino-americanas estudadas pela autora. Segundo Peruzzo, os níveis de participação podem acontecer em: nível das mensagens; nível da produção de mensagens, materiais e programas; nível do planejamento dos meios; e nível da gestão dos meios (PERUZZO, 1998).

O nível das mensagens compreende uma participação parcial no processo de comunicação comunitária no sentido de que os sujeitos não participam da produção dos conteúdos. São participações dos sujeitos em entrevistas, sugestões de pauta/músicas, reclamações, denúncias, instituindo uma relação de mão única com a mídia comunitária.

O nível de produção de mensagens, materiais e programas é relacionado à dimensão sócio-técnica das rádios comunitárias. É neste nível que se torna importante o desenvolvimento das capacidades técnicas dos sujeitos para a produção dos conteúdos radiofônicos. Pela ausência de conhecimento sobre as técnicas radiofônicas de produção, os processos de produção da mídia hegemônica⁵ permanecem, muitas vezes, como a única referência ou modelo para guiar as práticas desenvolvidas nas mídias comunitárias. O reflexo dessa apropriação técnica apresenta-se na gestão inapropriada das emissoras⁶ que, mesmo intituladas comunitárias, reproduzem os mesmos conteúdos da mídia comercial. De acordo com Peruzzo (1998), esse nível envolve as etapas de produção sistemática dos conteúdos, preparação, elaboração e edição.

O nível de planejamento dos meios envolve, principalmente, o debate e a tomada de decisão acerca do desenvolvimento das políticas de comunicação comunitárias que serão adotadas. Define-se a política editorial, os objetivos e a formatação dos programas, a sustentabilidade financeira, as formas de articulação com a comunidade⁷, a linguagem a ser empregada, os conteúdos a serem abordados, o tipo e o gênero dos programas.

5 Carpentier, Lie e Servaes (2001) nomeiam de mainstream ou grande mídia/mídia hegemônica aquela que produz em larga escala, tem como foco principal a comercialização de propaganda e pode ser privada ou estatal. Sua estrutura é hierárquica e obedece às lógicas de manutenção do status quo da racionalidade instrumental do modo de produção capitalista. Seu discurso dominante representa a voz uníssona do monopólio midiático brasileiro.

6 A apropriação realizada pelos sujeitos nas rádios comunitárias não se restringe apenas à sua dimensão técnica. Há outros fatores que interferem nesse processo, como os objetivos individuais e os anseios coletivos que moveram à comunidade a possuir um veículo de comunicação comunitário (podem ser fins de cunho político-partidário, de interesse público, religioso, entre outros).

7 Na perspectiva deste trabalho, compreende-se o conceito de comunidade de acordo com Paiva (2007) ao propor o conceito de comunidade gerativa. Esse conceito resgata a vinculação social por meio da proximidade territorial dos sujeitos, a preocupação com o patrimônio cultural e a busca pela sociabilidade.

O nível da gestão dos meios está relacionado aos processos de negociação e de liberação nos demais níveis apresentados anteriormente: o gerenciamento das mensagens e de sua produção, o planejamento dos conteúdos e do veículo como um todo. Peruzzo (1998) afirma que o sujeito pode participar da rádio apenas como ouvinte, leitor ou espectador como também pode tomar a frente no desenvolvimento da comunicação comunitária como um sujeito atuante na gestão da emissora. Esse processo compreende a gestão compartilhada, plural e democrática, na qual se imprimem os conceitos de empoderamento⁸ e corresponsabilidade. Todos esses níveis de participação encontram-se na figura 3 como forma de ilustrar o grau de participação dos sujeitos nos meios de comunicação comunitários. Sendo assim, há um menor envolvimento no nível das mensagens e, gradativamente, um maior envolvimento na gestão dos meios⁹.

Figura 1 - Níveis de participação



FONTE: Peruzzo (1998), elaborado pelas autoras

Além disso, importa considerar e reelaborar uma estrutura de comunicação comunitária, como já proposto por Paiva (2010), na qual as mídias comunitárias, em processos de mobilização social, constroem uma teia de relações, interações e subjetividades que põem em evidência as potencialidades dos sujeitos, a exemplo da apropriação das ondas do rádio como espaço comunicacional.

Procedimentos Metodológicos

Este trabalho, fruto da dissertação de mestrado intitulada “Rádios comunitárias e mobilização social: um estudo sobre as estratégias comunicacionais da RádioCom FM, de Pelotas – RS” utilizou como estratégia de pesquisa, o estudo de caso. Este surge “do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos” (YIN, 2001, p. 21) como o que se apresentava na conjuntura da unidade de análise. Diante disso, a escolha da ⁸ Empoderamento (do inglês, empowerment), é conceituado por Peruzzo (2008, p. 376) como a “participação popular ativa com poder de controle e de decisão nos processos sociais (políticas públicas relacionadas à educação, saúde, Comunicação, transporte, questões de gênero, geração de renda), e como tal, também a apropriação de meios de comunicação”. ⁹ Não se pretende julgar a participação dos sujeitos a partir desta classificação, definindo-os como mais/menos participativos e envolvidos com o veículo comunitário. Nosso objetivo é operacionalizar a participação a partir dos níveis propostos por Peruzzo (1998) para melhor compreendê-la.

RádioCom foi determinada por vários fatores que contribuíram para que a rádio se configurasse como um caso com características peculiares que mereciam a atenção do pesquisador. Entre eles, estão a história, a programação da emissora, além da missão da rádio de democratizar a comunicação.

As fontes de evidência empregadas foram a entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 1987) com gestores e pessoas que participavam da programação da rádio, além da observação simples do cotidiano e da grade de programação. A observação da grade de programação da RádioCom foi realizada em dois momentos: entre maio e junho; e entre setembro e outubro de 2013. Os áudios foram coletados com o auxílio do Software Audacity, via streaming, diretamente do site da emissora, totalizando cerca de sessenta e quatro (64) horas de gravação.

A estratégia empregada para a coleta dos áudios baseia-se em uma adaptação da “semana artificial” de Bauer (2012) em um dia artificial. Para compor esse dia artificial da programação da RádioCom, o número total de horas de um dia de programação (16 h/dia) foi dividido por sete (uma semana), chegando-se ao período de duas horas e vinte e oito minutos (2h28min) de gravação diária¹⁰.

Assim, ao final de uma semana, obteve-se uma amostra de conteúdos sonoros da programação da RádioCom FM, coletando-os de forma escalonada e, assim, configurando um dia artificial. Os programas foram ouvidos e classificados de acordo com o tipo de programa, com base em Ferraretto (2001).

Para a finalidade deste trabalho, apresenta-se a história e a programação da RádioCom FM.

A história da RádioCom 104.5 FM

Primeiramente, salienta-se que a história da RádioCom FM suscita fluidez e continuidade, delineando-se como trajetória incompleta, já que seus radiocompanheiros continuam buscando construir e reconstruir a RádioCom na realização de seus propósitos. Diante disso, antes de apresentar a unidade de análise, é interessante observar, através de uma contextualização da cidade, onde a rádio localiza-se (Pelotas-RS), para compreender sua influência na constituição da emissora comunitária.

O contexto da cidade de Pelotas está intimamente ligado com a escravidão e as Charqueadas. As Charqueadas – que iniciaram no século XVIII – eram propriedades de terra de grandes latifundiários onde se produzia o charque, carne salgada e seca ao sol, para aumentar seu tempo de consumo. A produção dos charques era impulsionada por alguns fatores, como: a criação de gado, a mão-de-obra abundante e a posição geográfica que facilitava o escoamento da produção. Essa produção era baseada no

10 A gravação dos programas da RádioCom para compor o dia artificial foi realizada de acordo com a disponibilidade técnica da programação ao vivo através do site da emissora. Sendo assim, foram descartados os dias de gravação em que os áudios não estavam disponíveis via streaming.

trabalho escravo, no qual se destacava, pela escravidão intensa existente, a cidade de Pelotas. O tratamento dado aos escravos, como se sabe, era desumano.

Parte desse tratamento brutal dado aos escravos se devia ao interesse econômico: quanto mais produzissem, mais seus donos lucravam. Outra parte, entretanto, vinha do medo: com uma enorme população escrava, Pelotas era, potencialmente, um foco de rebeliões. Por isso, ao menor sinal de revolta eram tomadas providências drásticas. Para que se tenha uma idéia do tamanho da população escrava de Pelotas: existiam ali, em 1833, 5.169 escravos, 3.555 homens livres e 1.136 libertos.¹¹

Esse contexto reflete-se, nos dias de hoje, na atual configuração de Pelotas. São fatores que a caracterizam como uma cidade constituída, principalmente, pela etnia negra. Os reflexos desse período são visualizados também no processo de formação das periferias e sua crescente desigualdade em relação à área central da cidade.

A influência econômica, cultural e política das famílias europeias que vinham instalar-se, aqui, no Brasil e das famílias que, com a renda do charque, foram tornando-se abastadas também interferiram no contexto de constituição de Pelotas. Isso fez dela uma cidade bastante desigual, com demarcações dicotômicas salientes entre centro/periferia. Periferia e centro, aparentemente, não dialogam nem interagem nesse cenário. São, assim, mais que posições geográficas distintas, mas também posições sociais que determinam as condições de vida das pessoas.

Soma-se a isso, segundo os entrevistados, o cenário de uma cidade eminentemente conservadora, na qual um mesmo governo permaneceu por muitos anos sem produzir avanços para a melhoria das condições de vida da população. Todavia, ainda que permaneçam os mesmos problemas sociais e políticos daquela época, percebe-se que, hoje, Pelotas começa a experimentar uma mistura cultural que provém da diversidade de pessoas que migram para essa cidade para trabalhar ou estudar em busca de oportunidades.

Essa contextualização histórico-política interferiu nos espaços midiáticos que surgiram na cidade. Essas famílias que detinham o poder econômico na cidade, também detiveram o poder sobre os meios de comunicação. O Diário Popular, tradicional jornal impresso da cidade, representa, impreterivelmente, os ideais da classe dominante e, por isso, uma representação unilateral da sociedade.

Apesar disso, os sindicatos de Pelotas, em intensa articulação e bastante numerosos na cidade, ocupavam um espaço na programação da rádio da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). No entanto, internamente, os sindicatos romperam e um grupo permaneceu com o programa na Rádio Universidade e o outro articulou-se para montar uma nova rádio, que mais tarde, em um longo processo de mobilização e articulação da comunidade, resultou no projeto comunitário da RádioCom FM.

Por esses dois fatores – a barreira política no contexto de Pelotas e os sindicalistas dissidentes –, parte do movimento sindical de Pelotas articulou-se com o objetivo de construir

11 Fonte disponível em: <<http://www.sic.org.br/pdf/charqueadas.pdf>> Acesso em 24 jun. 2013.

seu próprio espaço midiático. O movimento sindical surge nesse cenário para o enfrentamento coletivo na luta pelos direitos do trabalhador e, somam-se a ele, outros movimentos, como o movimento hip hop e o movimento negro.

Os movimentos sindicais configuram-se como uma estratégia de representação para dar voz as suas reivindicações, suprimidas pela invisibilidade social da mídia comercial. Além disso, manifestações, reivindicações e informações relativas à luta dos movimentos não encontravam ressonância na grande mídia pelotense. Foi devido a essa ausência de espaços representativos que o movimento sindical de Pelotas uniu-se para buscar, como alternativa, a criação de uma rádio comunitária que pudesse ser representativa dos movimentos que se constituíam em Pelotas.

Surge, então, a Rádio Comunidade FM¹², ou somente RádioCom – como é conhecida –, uma rádio comunitária localizada na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. Foi idealizada em 1998 pela iniciativa do sindicato dos trabalhadores da cidade de Pelotas (RS) e, um ano depois, foi fundada a Associação Cultural Rádio Comunidade FM de Pelotas, a RádioCom. Com um projeto político definido com base na Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO), a criação da rádio comunitária foi um anseio por um espaço de participação múltipla dos diversos segmentos da comunidade.

Os trabalhadores, com a contribuição mensal dos sindicatos, puderam subsidiar as demandas financeiras necessárias, como sala, mesa de som, antena, microfone, funcionários, despesas fixas (água, luz, telefone, internet) e outras. Junto a isso, com a organização e mobilização coletiva do movimento sindical, além de outros movimentos sociais e culturais, a RádioCom foi tomando forma. Seu escopo é ampliar o rol de informações apresentadas à sociedade, dar vazão para as culturas dos bairros e trazer a tônica do posicionamento crítico para a produção dos conteúdos radiofônicos. Sua missão é transformar a comunicação da sociedade em um processo plural, democrático, no qual os sujeitos comunitários tornem-se protagonistas sociais. Visa democratizar o acesso e a participação dos sujeitos e promover a formação crítica e cidadã.

Por isso, ao longo do processo de construção da emissora, foram sendo agregados, além do sindicato dos trabalhadores, representantes de outros segmentos sociais, como o movimento hip-hop, artesãos, músicos, ambientalistas, estudantes, curiosos, jornalistas, movimento negro e radialistas excluídos das rádios comerciais. Esse processo de mobilização social enfrentou seus primeiros desafios na legalização da rádio, nas estratégias de sustentabilidade e na definição de suas políticas de comunicação.

As decisões para o enfrentamento de cada uma dessas etapas foram tomadas em reuniões, nas quais foi definido que a RádioCom teria como princípio balizador a luta pelo direito à comunicação e a democratização dos meios de comunicação. Da mesma forma, a rádio seria um espaço de participação plural e de inclusão das minorias excluídas; uma forma de controle social midiático; de articulação com os movimentos sociais; de compromisso com a informação, a educação e a valorização da cultura local e popular.

12 Fonte: <http://www.radiocom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=4> Acesso em 12 mar. 2013.

A programação radiofônica

Foram identificados traços marcantes para caracterizar cada programa, visto que os programas observados apresentavam características bastante peculiares, que envolviam tanto a música quanto a informação e suas formas de apresentação radiofônica (entrevistas, debates, reportagens e outros). Os programas, neste sentido, não apresentavam um formato padrão e único, embora houvesse programas puramente musicais ou puramente informativos. De outro modo, verificou-se que, por seus conteúdos e pela dinâmica de participação social que envolve a RádioCom, os programas assumiam aspectos híbridos, colocando a música e a informação no mesmo patamar. Diante disso, os programas observados foram agrupados em três grandes blocos – programas de cunho musical, de cunho jornalístico e de variedades, conforme o Quadro 1.

QUADRO 1 - Tipos de programas observados na RádioCom

CARACTERÍSTICA PRINCIPAL	PROGRAMAS OBSERVADOS
Programa de cunho musical	A Casa do Reggae; Belos e Malditos; Cantos de Luta e esperança; Comunidade Musical; Chá de Fita; Manhã Cultural; Momento do Choro; Nativismo Sem fronteiras; Pausa; RádioCom a Todo Tango; Revedo o passado; Samba e Liberdade; Só Noia.
Programa de cunho jornalístico	Contraponto; Escambo; Navegando RádioCom; Rede COEP de Mobilização; Tribuna Popular.
Programa de variedades	Gente como Gente; Olhares; Som do tempo.

FONTE: elaborado pelas autoras

Destacam-se os programas Cantos de Luta e esperança; Escambo; e Samba e Liberdade por apresentarem conteúdos que envolvem, por meio da música e da informação, uma postura de contestação e crítica social. São programas relacionados à questão do negro na sociedade, no caso dos programas Escambo e Samba e Liberdade; e à música latino-americana, no programa Cantos de Luta e Esperança. Esses programas trazem informações histórico-sociais relacionadas à música, introduzindo-as em um contexto mais amplo, no qual ela é vista como elemento sócio-cultural.

Entre os programas que veiculam, principalmente, música, estão: A Casa do Reggae; Chá de Fita; Manhã Cultural; Momento do Choro; Nativismo Sem fronteiras; Pausa; RádioCom a Todo Tango; Revedo o passado; e Só Noia. Cada um desses pro-

gramas concentra-se em um gênero musical que possui, como ponto em comum, o fato de não pertencerem aos princípios da indústria cultural. São programas musicais de reggae, rock, música popular brasileira, nativista, tango, música popular antiga, entre outros. Em alguns desses programas observados, como o Chá de Fita, há participação de convidados que falam sobre música e literatura para os ouvintes.

Os programas Contraponto; Navegando RádioCom; Olhares; e Rede COEP de Mobilização assumem notoriedade na grade de programação da RádioCom por serem programas de caráter jornalístico, informativo e opinativo. Como exemplo, no programa Contraponto¹³, foram abordadas temáticas sobre alimentos proibidos para consumo de bebês; políticos envolvidos com a crise na saúde em Pelotas e os movimentos ambientais.

O programa Navegando caracteriza-se como jornalismo cultural, apresentando música, entrevistas e informações que fomentam e divulgam as produções artísticas locais. As entrevistas realizadas com artistas, músicos, escritores, promovem a cultura local. Vitor Ramil, pelotense, músico, cantor, compositor e escritor brasileiro foi um dos entrevistados no período observado.

Na mesma linha, o programa Olhares engloba música, entrevistas, cultura e informação. Em um dos programas observados, o convidado era Tiago Kickhöfel, morador de Pelotas, escritor e blogueiro (<http://lapisnoolho.blogspot.com.br/>), que trabalha com audiovisual e foi ao programa para contar sua história e sua arte.

No mês de outubro, em que aconteceu a campanha Outubro Rosa, referente ao câncer de mama, a programação da RádioCom foi direcionada para esta temática de interesse público. O programa Rede COEP de Mobilização realizou uma entrevista com membros da Casa Viva, uma instituição de amparo assistencial em combate ao câncer, localizada em Pelotas, para trazer informações sobre o diagnóstico, o tratamento e as formas de prevenção da doença.

O movimento feminista também se tornou pauta na programação da RádioCom. No período observado, os programas convergiam para essa temática, divulgando a Marcha das Vadias e problematizando as questões de gênero. O programa Som do Tempo exemplifica essa abordagem.

Uma peculiaridade entre os programas da RádioCom é o programa Gente como Gente, produzido e apresentado pelos usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Pelotas. É caracterizado como um programa de variedades por versar entre músicas, notícias, receitas e eventos sobre saúde mental, assunto de interesse público. O programa funciona como um espaço aberto para a discussão, o debate e as informações sobre essa temática, envolvendo os problemas enfrentados pelos usuários, as políticas públicas de saúde, o caso da lei Antimanicomial, entre outros.

Por fim, o programa Tribuna Popular, de caráter informativo e opinativo, utiliza

13 Programa gravado ao vivo, em 30/set/2013.

veículos massivos como fonte. As notícias são lidas e comentadas, às vezes concordando, outras discordando do que é apresentado pelo veículo-fonte. Os temas observados em um dos programas foram: sonegação de impostos; democratização dos meios de comunicação; Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) e venda de bebidas alcoólicas durante a Copa do Mundo no Brasil.

De modo geral, durante o período de observação dos programas que compuseram o “dia artificial”, identificou-se que a linha editorial da RádioCom preza pela qualidade como critério de escolha das pautas. A abordagem dos conteúdos veiculados possui uma postura crítica, de aprofundamento e pesquisa sobre os assuntos de interesse público, como educação, saúde, consumo sustentável, cultura, política, convertendo-se em insumos para o exercício da cidadania.

A participação de diferentes segmentos da comunidade que comungam com os mesmos ideais da emissora e dos movimentos sociais (como o movimento negro e o movimento da mulher) refletem a pluralidade de expressões culturais que permeiam a grade de programação. Ainda que em sua maioria a programação seja musical, são somadas informações sobre os ritmos, gêneros, biografias dos artistas e contexto social e histórico em que se inserem.

A comunicação comunitária na RádioCom FM

Assim, volta-se para os aportes teóricos sobre o conceito de comunicação comunitária a fim de refletir sobre como podemos compreendê-la. A RádioCom está situada em sua historicidade, entendida como parte do seu processo comunicacional e, paralelamente, a programação radiofônica, como um produto inacabado desse processo.

A historicidade da RádioCom encontra pontos de contato com os entendimentos de comunicação comunitária, assim como a sua programação radiofônica. Entender o local (físico, territorial) da RádioCom significa inseri-la em contextos mais amplos para expandir os limites da própria rádio, buscando entender os antecedentes do seu surgimento.

A cidade de Pelotas, descrita anteriormente, apresenta um contexto específico que, a nosso ver, foi sendo recriado a partir do entorno social e da constituição dos repertórios de cada sujeito. As Charqueadas, os escravos, a etnia negra, o caráter conservador foram acontecimentos históricos que demarcaram as fronteiras do que vem a ser a cidade de Pelotas nos dias de hoje e reverberaram também nas esferas econômica, política, social e cultural. A formação de periferias e a desigualdade social constituem-se como produto e processo histórico-social, atrelado a contextos de dominação e/ou autonomia. Foi perante essa historicidade que se estruturou uma memória coletiva, capaz de convocar os contextos de autonomia para confrontar a

realidade social. Dialeticamente, foi se construindo um processo de conscientização dos sujeitos que se deslocavam do lugar de submissão/resignação para um lugar de emancipação social.

Para isso, a criação de um espaço para a expressão e o desenvolvimento dessa nova mentalidade se fazia fundamental. A autoconsciência crítica desse contexto levou-os a criar uma estratégia de inclusão dos sujeitos em espaços que pudessem ser mais abertos e participativos. Isso também ocorreu para flexibilizar a exposição de um posicionamento particular, resultante das heterogeneidades do movimento sindical de Pelotas.

Nesse sentido, a RádioCom, desenvolvida para ser um espaço de diversidade, surge com a proposta de trazer autonomia e emancipação social por meio do protagonismo social. Ela tenta ultrapassar os impedimentos mercadológicos e político-partidários predominantes na mídia comercial para construir um polo de atração para os sujeitos que compartilham os mesmos ideais de comunicação. Esse ideal de comunicação coloca os sujeitos em posição de equidade, permite lançar discussões e, mais que isso, problematizações sobre assuntos de interesse público. E faz isso com a participação de segmentos minoritários, buscando construir uma “estrutura de comunicação democrática”, conforme colocado por Downing (2002). É um constante processo de conscientização e desnaturalização que mobiliza os repertórios dos sujeitos atuantes na RádioCom e, portanto, que representa sentidos de comunicação comunitária.

É evidente que a RádioCom, enquanto construção social e coletiva de comunicação comunitária, não se constitui como homogênea; afinal, há no interior de seu projeto político divergências e contradições próprias de cada sujeito. Ainda que o propósito maior seja conquistar espaços de participação através da mídia (comunitária), ter a oportunidade de criar suas próprias pautas e investir em um discurso polifônico, há uma gama de pluralidades em jogo. Um exemplo disso é a bipartição do movimento sindical que deu origem à RádioCom.

Apesar dessas nuances, entende-se que a RádioCom é pública, sem fins lucrativos e visa democratizar a comunicação pela rede de mobilização que criou e pelo projeto de comunicação que vem desenvolvendo. Essas características, embora não se apresentem de maneira uniforme e coesa, vão ao encontro de algumas das características da comunicação comunitária conceituada por Peruzzo (2008).

O processo de implementação da RádioCom não foi simples ou imediato; pelo contrário, foi um processo de articulação, discussões e, principalmente, de mobilização social, uma vez que a rádio comunitária deve cumprir os requisitos da Lei 9.612/98. Nessa etapa de constituição da emissora, também foram definidas as políticas editoriais que serviriam como balizadores no momento de produção de conteúdo.

No período de observação dos programas da RádioCom, estes apresentaram gêneros e formatos singulares, especialmente os programas de variedades. Se o propósito de uma rádio comunitária é fazer comunicação igualmente comunitária ela deve mobilizar uma linguagem, temáticas, abordagens, fontes, dinâmicas de participação que acionem esse tipo de comunicação. As temáticas abordadas na RádioCom foram semelhantes as da mídia comercial; porém, seu diferencial estava na abordagem, no viés de compreensão adotado.

Predominantemente, a RádioCom veiculou uma cultura underground, que diz respeito a um contraponto aos conteúdos da mídia comercial, à indústria cultural. Na comunicação comunitária, como explica Peruzzo (2008), uma comunicação apenas local se mostra insuficiente para dar conta das especificidades que as práticas comunitárias demandam. Produzir conteúdos com esse afastamento dos padrões comerciais requer um esforço dos sujeitos para, mesmo que a rádio levante questões locais/nacionais/globais, que ela possa trazer elementos do entorno social da comunidade envolvida para discutir e problematizar.

Os programas apresentados no Quadro 1 remetem a essas lógicas do processo de comunicação comunitária, na medida em que contextualizam as temáticas com o contexto de Pelotas, como a questão do negro, muito presente nos discursos dos apresentadores. Os sujeitos que participam dos programas como convidados se associam, de outra forma, à comunicação comunitária produzida, pois são moradores da comunidade que conduzem os assuntos dos programas para um nível de discussão local. Configuram-se como estratégia de proximidade, de manutenção dos vínculos identitários da RádioCom para com a comunidade.

Considerações finais

Se o conceito de comunicação comunitária aglutina entendimentos peculiares do fazer comunicacional, e se esse processo, na nossa perspectiva de análise, só pode ser compreendido no interior de sua relatividade e, portanto de sua historicidade, que processos de significação estão imbricados na produção radiofônica da RádioCom que nos permitem compreender melhor o conceito de comunicação comunitária?

É nesse sentido que se propôs, a partir de pinceladas conceituais de Peruzzo (1998; 2008) e Downing (2002), refletir sobre as marcas de comunicação comunitária encontradas na rádio comunitária analisada, a RádioCom FM. Referimo-nos à marcas por acreditar-se que uma rádio comunitária, ao ser composta por sujeitos que carregam suas subjetividades, trajetórias e experiências postas em interação, fazem dela uma mídia com diferentes formas de apropriação, incapaz de ser vista e reconhecida como homogênea ou totalizante.

Subjacente a isso, estão as complexas relações que se estabelecem no fazer comunitário que, ora dialoga com o contexto social amplo da sociedade capitalista, ora com os contextos locais constituídos pelo sentido de comunitário dessas emissoras. As mídias comunitárias, como a RádioCom, mobilizam esses contextos, atrelados ao conjunto de repertórios dos atores sociais envolvidos para construir, coletivamente, formas de comunicação que possam absorver, ao menos no plano ideal, práticas diferenciadas, relativas ao modo de produção da mídia mainstream. Isso se dá, em boa parte, pelo conceito de comunicação comunitária praticado ou renegado pelas mídias comunitárias, uma vez que muitas rádios comunitárias brasileiras desconhecem/ignoram os princípios plurais, coletivos e polifônicos que as regem.

Não podemos desconsiderar que as concepções de comunicação comunitária estão de alguma forma atreladas pela lei 9.612/98 que regulamenta as rádios comunitárias, atuando como um balizador de suas práticas. É a partir dessa lei que se tem conhecimento sobre como se estrutura a comunicação de uma rádio comunitária, desde a constituição de sua sede, passando por questões normativo-jurídicas e pela política editorial. Como se sabe, a legislação também é perpassada por discussões acerca de suas possibilidades e/ou limitações para as rádios comunitárias. Essa discussão, embora não seja nossa intenção aprofundá-la, precisa ser destacada para evitar reducionismos no sentido de descaracterizar ou não a legislação das rádios comunitárias.

Os programas, por apresentarem gêneros e formatos singulares, nos fazem refletir se não é mister repensar a programação radiofônica: recriar e articular novas perspectivas da comunicação comunitária no desenvolvimento da linguagem, do tipo de conteúdo veiculado, da abordagem da temática, de elementos que possam aproximar essa temática do ouvinte. Portanto, no nosso entendimento, não basta apenas veicular conteúdos contrastantes com a mídia comercial; o que as rádios comunitárias advertem são a própria reformulação do que é fazer rádio comunitária. Isso implica a densidade de um desafio que envolve a participação dos sujeitos sociais em processos de conscientização e mobilização em prol do direito à comunicação – processos anteriores à produção radiofônica propriamente dita. E, além disso, pressupõe envolvê-los com o projeto político da rádio, tornando-os cidadãos mais críticos e emancipados, fazendo-os reconhecer um princípio fundamental para as sociedades democráticas: a equidade social.

Referências

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. pp. 189-217.

CARPENTIER, Nico; LIE, Rico & SERVAES, Nico. Community media – muting the democratic media discourse? In. Koccc Centre for Critical Studies in Communication and culture. Brighton, 2001.

DOWNING, John D. H. Mídia radical: rebeldia nas comunicações e nos movimentos sociais. São Paulo: Editora Senac, 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

NUNES, Márcia Vidal. As rádios comunitárias nas campanhas eleitorais: exercício da cidadania ou instrumentalização (1998-2000). Revista Sociologia Política, Curitiba, 22, 2004. pp.59-76..

PAIVA, Raquel. A consolidação da estrutura comunitária na atualidade. IC – Revista Científica de Información y Comunicación, 7, 2010. pp. 279-292.

_____. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (org.) O retorno da comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. pp. 133-148.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaborações no setor. Palavra Clave, vol. 11, n. 2, 2008. pp. 367-379.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Pesquisa qualitativa. In: Triviños, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. pp.116-165.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.